

PREÂMBULO

A CULINÁRIA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL

O mais conhecido chef brasileiro, Alex Atala, vem desenvolvendo/divulgando através do Instituto Ata, ONG por ele criada, dentre tantas excepcionais iniciativas suas, a campanha "Gastronomia é Cultura/Eu sou Cultura", para que o Congresso Nacional aprove projeto de lei reconhecendo a Gastronomia como patrimônio e manifestação cultural.

A campanha vem mobilizando milhares de pessoas pelas redes sociais e se acolhida pelo Congresso, abrirá as portas para a aprovação de projetos gastronômicos pela Lei Rouanet. Alex Atala defende, há décadas, a tese de que alimentação deve fazer parte dos currículos e práticas escolares. Espanta-se, ademais, o reconhecido chef pelo fato das autoridades ignorarem, se omitirem, quando não perseguem antigas tradições culinárias – que compõem o riquíssimo patrimônio de nossa cozinha -, citando portarias do SIF com restrições ao uso do mel de abelhas indígenas, que tem entre 30% a 35% de umidade e por isso, fermentam, da mesma forma que queijos e vinhos. Para as autoridades, são vetores de doenças. Uma portaria de 1952 e ainda em vigor, determina que só pode ser chamado de mel a substância com até 20% de umidade.

Esclarece Atala: "Os méis brasileiros fermentados são usados pelos índios como remédio. Por que nossa cultura vai continuar ignorando uma sabedoria universal? Todo o mel que comemos vem de uma abelha que não é brasileira, a *apis mellifera*, de origem europeia e africana" A legislação eliminando nossas abelhas nativas e seu terapêutico mel...

Outro questionamento incisivo do chef é quanto à proibição pelo SIF do uso do sangue de frango. "Nossas avós matavam frango e usavam 100% dele. Hoje, entre a produção e o mercado, um terço do alimento é jogado fora. Pela segurança alimentar, vamos matar uma parte do patrimônio da cultura brasileira? Ou continuamos na ilegalidade, servindo frango ao molho pardo como se fosse cocaína?"

Defende Atala ainda a formação de chefs brasileiros, dado o alto potencial de nossos jovens e a rica diversidade - em grande parte inexplorada - de nossa cozinha, que deveriam merecer total atenção do governo e da sociedade. Por sinal, uma outra ONG de Atala, "Gastromotiva" promove inúmeros cursos de gastronomia nacional com detentas.

AO PÉ DA FOGUEIRA NO ESCURINHO DA RUA

Era ela dona de casa. Trabalhava ainda como autônoma: lavadeira, forneira, quitandeira, tintureira. Um pau para toda obra, que os tempos, então, eram difíceis. Casada, o marido era trabalhador ambulante, biscateiro, braçal a trabalhar em hortas da cidade, a vaguear pelas ruas, na oferta de guloseimas, quinquilharias. Não se davam lá bem. Aliás, davam-se muito mal. Na prática, eram separados e de há muitos anos, embora vivendo sob o mesmo teto. Questões de temperamento, de destemperos, de incompatibilidades, assim alegavam.

Ele, o outro, o "entrudo" da história, era funcionário de instituição com filial em São Tiago, meados do século passado. Não tinha um local fixo de trabalho. A empresa o remanejava para comunidades próximas ou mesmo distantes, de acordo com as necessidades e "apertos" das agências e filiais em funcionamento. Casado, mas contumaz saltador de cerca, célebre por suas andanças e enranças, boi solto na praça, donjuan caboclo, um perigo itinerante e iminente para pais, maridos e mulheres tantas que lhe caíssem na lábia...

Serviçal junto a instituição onde ele trabalhava e também eventual prestadora de serviços na residência do dito cujo – em atividades de faxina, quitandeira - surgira, entre ambos, uma ligação mais forte, extra, bem íntima. Ela, carente, atraente, mulher ainda pelos trinta e tantos anos; ele, oportunista, conquistador incorrigível, assediador clássico, "cantador" de primeira – e a toda hora, conseguiu dobrá-la e envolvê-la com seus tentáculos. E, enfim, momentos de "achegos e chamegos"

Combinaram encontrar-se, certa noite, horas tantas, pelos lados da "Fonte do Buraco". A iluminação pública, os postes de então iam até o entroncamento da Rua Job Mata com a Rua Felício Caputo (esta, à época, praticamente um beco) ou seja, o restante da Rua Job Mata até o seu final, na Fonte do Buraco, ficava inteiramente às escuras. Um local, enfim, propício, improvisado motel...

No dia do tão ansiado encontro, "folie a deux" ("trabalho a dois", como dizem os franceses), eis que, já à tarde, em cima da hora, nosso heroico e finório funcionário é convocado pela empresa para atendimento de extrema urgência em cidade vizinha. Faz e refaz as contas. Estradas de terra, riscos de ter que pernoitar na outra cidade... Ah, dificilmente retornaria àquele dia, a tempo, a São Tiago. Excomunga mil vezes o emprego e a empresa. Logo na hora tão esperada da onça beber água, do ganso dar suas afogadelas...Teria, ante a convocação da firma, que desfazer o tão esperado momento e para isso comunicar-se com a interessante tentadora mulher. Como fazê-lo ?!

Eram tempos em que não existia telefonia fixa ou celular. Decide, após muito pensar, pedir a um amigo de confiança, um comerciante local, também casado, conhecido escalador de cercas e tapumes, para que este se comunicasse com a mencionada senhora. Ingenuamente, informa-o, ainda que por alto, do assunto. Este, o terceiro (ou seria o quarto?) personagem da história, agora um insólito "ménage a trois", nada age até a chegada da noite. Dá uma desculpa em casa que fora chamado para uma reunião de urgência do partido político do qual era membro – aliás um daqueles mais fanatizados e cabrasteados que infestavam, até há pouco tempo, a política local - pois que eram épocas de eleições. Esmera-se no banho, perfuma-se, a melhor roupa e na hora e local combinados entre o amigo conquistador e "a caça" lá está o "entrão", o "proveitador", o "azarão" (no bom sentido)

Dali a instantes, chega a senhora desconfiada, irrequieta. Dissera em casa que, naquele dia, iria trabalhar até mais tarde, em casa de família, por coincidência, pelos lados do Cerrado. Iria, provavelmente, atrasar-se. Pervaga os olhos, busca reconhecer o ambiente, breu total, até que o cavalheiro se aproxima, quase mudo, em sussurros (para não ser identificado e decerto recusado), enlaça a mulher e, em poucos e rápidos movimentos, galga seus objetivos. Não dera espaço para nenhuma fuga, questionamentos, subterfúgios. Um troféu inesperado.

Encerrada a deleitosa sessão, ambos se compõem e juntos, lado a lado, sobem a rua da Fonte, até que, nas proximidades do primeiro poste, já no meio da rua Job Mata, espaço já toscamente iluminado, ela, fixando melhor a fisionomia do companheiro, reconhecendo-o (pois era comerciante bem relacionado na cidade e tido como loquaz, falastrão), assusta-se, apavora-se e comprova que se entregara ao homem errado. E bem que ela desconfiara, desde o início!

Perplexa, espavorida, temendo as consequências (falações, seu nome e sua condição de mulher casada enlameados, dentro dos valores sociais), antes de se afundar em meio às brumas da noite mortífera e a desabrido e inotido choro, implora:-

- Por favor, não conte a ninguém, pois não sou mulher "des-sas" coisas...



ADIVINHAS

- 1- Quem é a filha da Diva?
- 2- Quem é o avô do carro?
- 3- Quem é o pai do carro?
- 4- Quem é o anjo do banheiro?

Respostas: 1- Adivinha; 2- O Volante; 3- O Painel; 4- O anjo!

Provérbios e Adágios

- Onde tem onça, macaco não ronca
- Quem muito se abaixa, o fundilho aparece
- Quem não pode com mandinga, não carregue patua
- Atrás de mel correm as abelhas
- Cuia em que se guardou pimenta nunca perde o azedume
- Mão de mestre não suja pincel
- Quem dá o frio, dá o cobertor
- Pão ou pães, questão de "opiniões"
- Não tem tu, vai tu mesmo

Para refletir:

- Não basta leitura sem unção; não basta especulação sem devoção; não basta pesquisa sem maravilhar-se; não basta a circunspeção sem o júbilo; o trabalho sem a piedade; a ciência sem a caridade; a inteligência sem a humildade; o estudo sem a graça (São Boaventura – 1211-1274)
- A tradição é uma força, uma luz, um ensinamento. Ela é o depósito das faculdades mais profundas de um povo. Ela assegura a solidariedade intelectual entre as gerações através dos tempos. Ela distingue a civilização da barbárie (Charles Richet, 1850/1935, médico e fisiologista francês, Prêmio Nobel de Medicina de 1913)
- "quando a última árvore for derrubada, o último peixe for morto e o último rio for poluído, é que o homem perceberá que não pode comer dinheiro".

Provérbio indígena

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloísa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Renata Aparecida de Paula Serpa

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro - São Tiago/MG
CEP: 36.350-000 - telefone: (32) 3376-1107
Falar com Renata Aparecida de Paula Serpa

Realização:



NOTAS

Feriados Municipais

A Lei nº 10.607 de 19/12/02, em seu art. 1º, enumera os seguintes feriados nacionais: 01 de Janeiro, 01 de Maio, 07 de Setembro, 15 de Novembro e 25 de Dezembro. A mesma legislação esclarece que os pontos facultativos municipais ou estaduais – uma verdadeira praga, convenhamos – não podem suspender horas normais de ensino, atos da vida forense, de tabeliães e cartórios.

A Lei nº 9.093, de 12/09/95, diz em seu art. 2º, que são “feriados religiosos os dias de guarda declarados em lei municipal de acordo com a tradição local e em número não superior a quatro, neste incluída a Sexta Feira da Paixão”

Não pode, pois, o Município, seja por ato administrativo do Prefeito, ainda que com aprovação legislativa, aprovar/decretar feriados municipais, ao arrepio da legislação pertinente.

Há, já o famigerado, privilegiado expediente do “ponto facultativo”, de competência municipal ou estadual, atingindo ou de alcance tão somente para repartições públicas agraciadas. Com prejuízos para a população contribuinte, trabalhadora, que fica sem a prestação de serviços, nesses dias de “recesso”! É ilegal, ainda que agregado à tradição, instituir feriados municipais em dias que antecedem, sucedem ou coincidem com as datas comemorativas do calendário oficial, civil ou religioso. Neste caso, enquadrar-se o feriado municipal de 26/07, denominado “Dia do Município”, somente porque dia 25 é feriado religioso, Dia do Padroeiro São Tiago Maior. Não há, por conseguinte, nenhum respaldo técnico-legal para o citado feriado do dia 26/07, instituído apenas como “esperteza” da administração pública, gerando mais um dia de ociosidade, às custas do contribuinte. Melhor fora então declará-lo ou justificar ser Dia de Sant’Ana, copadroeira do Município. (Ver matéria a este respeito em nosso Boletim nº XXXVII – out./2010).

Os poderes do Município não podem, a bel prazer, instituir feriados, apenas por razões subjetivas, populistas, eleitoreiras, impensadas, como se propala quanto à “segunda feira” após a realização da Festa do Café com Biscoito. O que gera riqueza é trabalho, já dizia Adam Smith, pai da economia moderna. Mais juízo, mais atenção para com os srs. Empresários e população que sustentam o País, em meio a tantos desgovernos.

Voçorocas

Pessoas que viajam, se deslocam assiduamente pelo município – e ainda por municípios vizinhos – têm observado a alta incidência de voçorocas (esbarrancados), muitos deles “vivos”, terra degradada, em contínuo processo de erosão. Negligência do proprietário (que deveria ser o maior interessado) e do Poder Público, acarretando dantescos prejuízos ambientais e materiais para o Município, o País. O Poder Público, além de sua obrigatoriedade constitucional no caso, dispõe de maquinários, inclusive do PAC, pessoal técnico próprio ou em parceria, e condições operacionais para ajudar o proprietário na contenção de enxurradas (curvas de nível, drenagens), além de técnicas de reflorestamento, recuperação de nascentes etc.

Mesmo próximos à cidade, em plena bacia do Rio Sujo, que abastece a cidade, na nossa cara, só não vê quem não quer, são visíveis os sinais dos “esbarrancados”, exibindo suas crateras a avançarem pelos campos e pastagens. Como que a implorarem, inutilmente: “Tirem as enxurradas! Contenham a erosão! Ainda há tempo de me recuperarem e os campos próximos!”

Cemitério Municipal

Um decreto imperial de 1830 obrigava todas as cidades brasileiras a manterem/criarem o Cemitério Municipal. Preceito legal que continua de pé. Responsabilidade de quem? Ora da Prefeitura Municipal. Passados praticamente dois séculos, vê-se que, em muitos lugares, inclusive São Tiago, é letra morta. Administrações passam, fazem ouvidos de mercador, empurram o problema, que, atualmente passou a ser inquietante e chegará, daqui a pouco tempo, a ser dramático.

Eis o que diz, a propósito, a Lei Orgânica Municipal, artigo 204 – “Os cemitérios terão sempre caráter secular e serão administrados pela autoridade municipal, sendo permitido a todos os seguimentos religiosos, celebrar neles os seus ritos”

O Cemitério Paroquial, de propriedade e sob gestão da Igreja, vem prestando à população, desde os primórdios de nossa comunidade, o excepcional, nobre serviço de sepultamento de nossos mortos. Sabe-se, porém, que o espaço está sobrecarregado. Nossa população aumenta, a cidade tem atraído grandes levas de trabalhadores e famílias oriundos de outras plagas. Alertas vem sendo dado, há décadas, por nossos abnegados, prestimosos párocos, por lideranças e pessoas de bom senso. Alguma autoridade pública se movimentou, a esse respeito, até agora?! Nenhuma, ao que se sabe. Até quando?! A Lei aqui é letra morta, infelizmente!

Patrocínio:



Apoio Cultural:



ANTE QUESTIONAMENTOS

Menção a Fatos e a Pessoas da Comunidade

Todos somos atores, espectadores, forçados juízes nesse largo cenário, itinerários da vida, da qual ocupamos tempo, espaço, movimentação. Somos visíveis, palpáveis, observáveis, avaliáveis.. Representamos nossos papéis, por vezes burlescos, tragicômicos, de forma inusitada, marcante, solene ou até marginal, que se tornam vivos, referenciados pelos anais sociais e históricos. Somos uma coletânea de páginas tristes, alegres, mágicas – quem sabe jocosas, dolorosas - histórias sem fim! Em suma, deixamos uma marca, agradável ou não, ou até mesmo insossa, em branco, em nossos trânsitos existenciais.

Perfeitos, não somos. Estamos sujeitos, assim, a todo tempo, em todo lugar, à avaliação alheia, por nossos contemporâneos e pelas gerações vindouras, como bem diz o Confiteor - por nossas palavras, atos, pensamentos, omissões. Até mesmo pela nossa imagem (nosso andar, nosso vestir, tom de voz, trejeitos etc.) somos julgados e muitas vezes, condenados. Erros, virtudes, deficiências, extravagâncias são formas, fontes de juízos, a todo instante, sobre nossas pessoas, nossa memória.

Não há intenção, por mínima que seja, no caso de nosso boletim, de abordar negativa ou pejorativamente, as personagens de nossa comunidade ou quem de nosso conhecimento aqui abordadas/mencionadas. O próprio boletim é claro em sua apresentação, desde o primeiro número, em Julho de 2007 – é ele de natureza cultural, memorialística – narrando, transcrevendo fatos pitorescos, históricos, lendários, folclóricos de São Tiago e região adjacente. O aqui escrito, transcrito é reprodução do que diz a oralidade popular ou extraído(s) de registros documentais. NADA É INVENTADO, SEQUER AUMENTADO. Simplesmente, passado e presente aqui reproduzidos.

Nenhum intuito de ridicularizar, denegrir imagens de terceiros ou de afetar sensibilidades familiares. APENAS REGISTRAMOS O QUE É DE CONHECIMENTO GERAL. E que consideramos de interesse da memória local. Se, contudo, fatos comentados, de cunho público, não puderem ser apresentados, o sentido da memória corre riscos. Estaremos sob o espectro da censura prévia, do medo. Aqui não relatamos nenhum fato ou situação chula – e os há, às dezenas, de acordo com a oralidade, expostos em rodas privativas. Nada que deprecie, que afete a dignidade pessoal ou a honorabilidade coletiva. Escusamo-nos, outrossim, se pessoas ou familiares se sintam, eventualmente, melindrados, afetados pelo teor das matérias. Caso qualquer um queira se manifestar, discordar, poderá fazê-lo amplamente que publicaremos suas ponderações e eventuais questionamentos. Estaremos exercitando o contraditório – de forma democrática, transparente - e enriquecendo a memória local.

Convenhamos: para se trabalhar a memória, a história, o jornalismo, mesmo a literatura, há que se abordar, expor nomes de pessoas, fatos. Não há como fazer omelete sem quebrar os ovos, nos diz o ditado. Sequer sabemos como o amanhã nos julgará. Todos nós somos sujeitos da história. Relatos, referências sobre vultos, personalidades, fatos, tipos populares são uma forma de expormos nossas virtudes e fragilidades, nossa face verdadeiramente humana, ainda que, por vezes, nua e crua, o que inclui, dentre outros aspectos, o pitoresco, o anedótico, o caricato, o extravagante. São elas o nosso próprio retrato sem retoques. Esconder, será a solução?!

Em todo lugar, em todas as eras, houve, há e haverá pessoas singulares, excêntricas, não convencionais, posicionadas além dos conflitos e limitações sociais. E que a história, a literatura, as artes consignam, até eternizam. Pessoas com rupturas comportamentais, desconectadas de sentimentos de recalque e repressão tão comuns aos padrões sociais vigentes. São personalidades, na visão freudiana, onde o supereu se faz equidistante das pressões legais e morais pactuadas. Pessoas intuitivas, sensorialmente perceptivas, sem o racionalismo e visão linear cultivadas pelo senso comum, atuando em multidimensões, marcando sua presença e personalidade no meio em que vivem, ainda que sob a rubrica de “esquisitos”.



MALEDICÊNCIAS

Frequentemente, surgem comentários difamatórios, anônimos, malévolos, desarrazoados, envolvendo pessoas ou famílias da comunidade. Infâmias, bisbilhotices geralmente, mas que provocam terríveis estragos, quando não tragédias. Produtos da mesquinharia humana, de mentes férteis, desocupadas, malsinadoras, julgadoras, ociosas, que, ao invés de se ocuparem de suas vidas, de seus muitos problemas pessoais, profissionais, debruçam-se sobre o quintal vizinho. Enxergam o cisco no olho alheio, mas não vêem a trava em seus próprios olhos!

Espalham notícias ou fatos que, mesmo hipoteticamente verídicos, eles nada têm a ver. Não lhes dizem respeito. Não compete a ninguém meter o bedelho, fazer juízos, espalhar cizânias. Levam infortúnios a lares, desestabilizam famílias, envolvem familiares inocentes, por vezes crianças, jovens, mulheres que se veem no meio de toda sorte de boatarias, de execração pública de seus pais ou parentes próximos.

“Fermento, pólvora do diabo” dizia Pe. José Duque, nosso inolvidável pastor, quando surgiam intrigas, calúnias, frivolidades em nosso meio. “Ai de quem vem o escândalo”, exortava Jesus.

NOTÍCIAS DA EUROPA

São-tiaguenses que têm visitado a Europa, nos últimos meses, observam, alarmados, a presença de grandes grupos de estrangeiros e que vêm alterando o panorama social, econômico, político do Velho Continente. Assim turistas chineses, às chusmas, aos magotes, ocupando ruas, restaurantes, sempre falantes, exigentes... Árabes com suas vestimentas e hábitos típicos, ostensivos, também em grande número, em sua maioria turistas. Africanos imigrantes, refugiados aos poucos ocupando ruas e mercados como “camelôs” ou buscando sobreviver de qualquer forma. Europeus do leste, oriundos da Romênia, Bulgária, Ucrânia, geralmente mulheres e crianças, pedintes nas ruas. E ainda os milhares de refugiados que chegam todos os dias – uma grande tragédia.

São realidades incontestáveis, constrangedoras até para um Continente que, apesar de se ostentar como “berço da cultura”, colonizou e explorou povos e continentes ao longo dos séculos...A conta, ao que parece, está aí...

Banditismo e Quadrilhas na Província de Minas à Época do Ciclo do Ouro

Enormes as incertezas e perigos que cercavam viajantes e comerciantes à época do ouro e dos diamantes, em especial, em suas fases de exploração e transporte. Uma aventura percorrer itinerários, sejam estradas, geralmente infestadas de salteadores, mas igualmente as regiões de serras, vilas e sertões em geral. Ambiente generalizado de cobiça, intrigas, traições, contrabandos, roubos, mortes por motivos os mais fúteis, a mais cega ambição, a ausência da lei, a mínima nesga de fé.

Pessoas em viagem, além de invocarem os seus santos de devoção, deixavam, por vezes, seus testamentos prontos. Muitos senhores, para melhor se protegerem, viajavam em grupos – comboios, caravanas, acompanhados de escoltas compostas por negros fortemente armados, cães ferozes – sendo que os perigos maiores eram à noite, em locais estratégicos, mais vulneráveis como bocas de montanhas, desfiladeiros, estalagens. Ninguém escapava à sanha dos bandidos: homens, mulheres, idosos, crianças.

D. José I, Rei português, estabeleceu, em 1766, várias normas quanto à segurança nas minas, dentre elas a proibição de sítios volantes, de ranchos sem estabelecimento sólido e a determinação de que os indivíduos dispersos se estabelecessem em povoações civis.

Em 1781, o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, assumiu o patrulhamento da Serra da Mantiqueira, com a missão de estudar as terras, rios e relevo, elaborar cartas geográficas, incluindo relatórios estatísticos dos habitantes e suas ocupações. A partir desses estudos, foram catalogados todos os caminhos que ligavam as Minas ao litoral do Rio de Janeiro e São Paulo e estabelecidos os locais estratégicos para a instalação de registros, rondas e patrulhas. E, para dessa forma, dar-se melhor e mais eficiente combate aos bandos criminosos que atuavam na região.

QUADRILHAS DA ÉPOCA – As principais quadrilhas da época do ouro, mencionadas por historiadores, foram:

I – Mantiqueira – a mais temida de todas. Extremamente organizada, sob a chefia do facinora “Montanha”, um homem branco, atuante em toda a região da Mantiqueira, Caminho Novo e Estrada Real na década de 1780. A principal estratégia do bando era emboscar e matar policiais, roubando-lhes as fardas e armamentos – técnicas hoje utilizadas por grupos de traficantes cariocas. Fardados, faziam falsas blitzes nas estradas, extorquindo, violentando, torturando, roubando ouro e tudo o mais que passasse por ali.

Quadrilha desmantelada, a partir de 1786, por diligências do Alferes Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes) e por ações especiais do Ten.Cel. José Aires Gomes, rico proprietário de Borda da Mata. A quadrilha, que operava inclusive em nossa região, dividia-se em dois grupos – um deles com núcleo em Barroso, assaltando os que vinham de Goiás e o outro sediado em Ressaça, atacando os que procediam do Tejuco, Serro ou Vila Rica.

II – Mão de Luva – quadrilha com atuação em Minas Gerais e Rio de Janeiro. Formada por perigosos e ousados contrabandistas, que se dedicavam principalmente à mineração clandestina ou “descoberto”, comercializando ouro com qualquer pessoa. Quando atacados, roubavam e matavam. O nome do bando se deve a seu chefe Manuel Henriques, que tinha o apelido de “Mão de Luva”. Quadrilha desarticulada em Maio de 1786 pelo Sargento Mór Pedro Affonso Galvão, à época do Governador Luiz da Cunha Menezes.

III – Sete Orelhas – Quadrilha que assombrou Minas no final do século XVIII e ainda hoje eivada de lendas e narrativas épicas. Seus feitos acham-se relatados em dezenas de livros, cordéis, temas acadêmicos, fazendo parte do folclore e cancionero popular. Chefiada por Januário Garcia Leal, um justiceiro do Sertão de Carrancas, que, para vingar a morte do irmão, matava e arrancava as orelhas dos assassinos (de seu irmão), exibindo-as em tétrico colar. Percorreu quase toda a Província à caça dos seus inimigos, desdenhando e humilhando as autoridades coloniais. Utilizava métodos perversos de torturar e matar. A quadrilha desapareceu, embrenhando-se seus integrantes pelos sertões. Sabe-se, por pesquisas mais recentes, que seu chefe Januário Leal, o “Sete Orelhas”, faleceu em Santa Catarina, em inícios do século XIX, onde se refugiara. (Ver matéria a esse respeito em nosso boletim nº XXX, Março/2010)

IV – Virassaia – Quadrilha atuante, a partir dos meados do séc. XVIII, na região de Vila Rica (Ouro Preto) e posteriormente pelos sertões do São Francisco. Chefiada por Antonio Francisco Alves que, mancomunado com funcionários da Casa de Fundação, esses informavam o roteiro por onde saíam os comboios transportando o ouro destinado à Coroa. Usavam os funcionários delituosos de um pitoresco expediente: viravam a ponta da saia de uma imagem de Nossa Senhora das Almas, depositada num oratório de rua, para indicar aos cúmplices a direção do comboio contendo o ouro real. Daí o nome da quadrilha “Virassaia”.

Assassinado o chefe Alves – para tal traído por um espanhol – o bando dispersou-se pelo sertão, sob a chefia de João Nunes Girdes Pereira e outros facinoras. Passaram a cometer toda sorte de crimes – assassinações, extorsão de ouro, gado, açoitamentos públicos, raptos, espalhando o terror em vastas áreas do São Francisco (São Romão até Itacambiruçu). Tãmanha a extensão territorial onde atuava a perigosíssima e temida quadrilha que, por Ordem Régia de 15/07/1797, a Coroa determinou a mobilização e envio de tropas pelos governos de Minas Gerais, São Paulo, Goiás e Bahia para combater e exterminar os bandoleiros. O Governador de Minas, Bernardo José de Lorena, nomeia para a missão, o Cap. Manoel da Silva Brandão que, em 15/07/1798, comunica a prisão de todos os membros do bando, à exceção do chefe João Nunes e sua mulher Mariana de Jesus Mendonça, mortos em combate. Os prisioneiros foram levados a julgamento em Vila Rica e Rio de Janeiro, sendo alguns executados.

QUILOMBOS – Ao lado das quadrilhas organizadas, já mencionadas, é importante ressaltar a participação de quilombolas, principalmente os oriundos de quilombos com atuação ao longo do Caminho de Goiás e fortes ramificações ou sucursais em toda a região do Rio das Mortes, como o de Pai

Ambrósio e do negro Canalho. Quadrilhas perigosas, súcias de cruéis bandidos, chamados “caraminholas”, formados por negros foragidos de senzalas e de comboios em marcha, prófugos da justiça e ainda remanescentes dos índios cataguás. Atacavam caravanas, transeuntes. Matavam a sangue frio, lançando os corpos em boqueirões e abismos, pilhando tudo o que levavam. Violentavam, torturavam, roubavam tudo. Bois, tropas, cargueiros de mercadorias vindos da Corte geralmente carregados de mercadorias, bugi-gangas, tapeçarias, sal, miçangas, pólvora etc. Atacavam ainda comboios de escravos, onde os comboeiros eram mortos e libertados os escravos atrelados, passando estes a engrossar a quadrilha.

Os comboios eram compostos por tropas de 20 a 50 mulas. Cada animal carregado com 7, 8, até 13 arrobas nas “bruacas” ou “cargueiros”, sob a direção do “arrieiro” que comandava os “tocadores”. Comitivas que transportavam, além dos animais e escravos, toda sorte de mercadorias: gêneros alimentícios (azeite, farinha de trigo, sal, vinhos); especiarias (cravo da Índia, canela, pimenta do Reino); unguentos e medicamentos; tecidos (veludo, cetim, linho, tafetá, chita, baeta, aniagem, panos da Bretanha e de Hamburgo, cobertores de Castela, linhas de coser, rendas, fitas, galões); armas, pólvora, chumbo; ferragens; implementos agrícolas; fechaduras, peneiras de arame; louças, vidros; papéis, tintas etc.

(Ver matéria sobre “Trapeiros” em nosso boletim nº XIV - Nov/2010).

Reflexões Sociológicas, Históricas e Literárias sobre o Banditismo

Segundo o historiador inglês Eric J. Hobsbawm – que estudou o assunto na Europa – o banditismo é uma forma de protesto social de indivíduos humildes, marginalizados, que não conseguem suportar a opressão da sociedade, esta marcadamente hierarquizada - e se rebelam numa tentativa de escape da condição imposta à sua classe.

“O banditismo social constitui um fenômeno universal, encontrado em todas as sociedades baseadas na agricultura (inclusive em economias pastoris) e compostas principalmente de camponeses e trabalhadores sem terras, governados, oprimidos e explorados por alguém: por senhores, cidades, governos, advogados ou até mesmo bancos” (Eric Hobsbawm – “Bandidos”, S. Paulo, Ed. Paz e Terra, 2010, pág.39)

Outro fator que caracteriza os homicidas, segundo Hobsbawm, é a denominada “Invulnerabilidade do corpo” ou seja, a sua mitificação dentre a sociedade da época. Sua valentia, os crimes cruéis que provocam horror, a imagem de “corpo fechado” e “descrença na morte”, a defesa de pessoas injustiçadas e/ou da “honra familiar” (a morte violenta e impune de um pai ou irmão, a violação de uma mulher do clã, uma desfeita pública e que a justiça não consegue reparar) tornam-nos em heróis destemidos, dotados de aura indefinida, a que lendas, narrativas e a imaginação popular alimentam mais e mais!

O escritor paulista, Menotti del Picchia, que trata o tema em seus romances (incluindo o romanceiro da vida de Diogo da Rocha Figueira, o Dioguinho, célebre bandido paulista) afirma em um artigo intitulado “Banditismo caipira” que o banditismo é consequência das próprias condições de vida do sertão. Uma sociedade opressora, gerando injustiças, marginalização de ascendência ou influência rural. Daí a tipologia criminal ser fundamentalmente carregada de elementos emocionais, de posse entre as partes e propagada geralmente no espaço privado, entre pessoas conhecidas. Os crimes passionais estavam quase sempre ligados ao predomínio ou preservação da honra. (fonte www.portalvirtual.ufpb.br/biblioteca.literatura-brasileira, pesquisa em 28/11/2014)

Segundo o sociólogo francês, Emile Durkheim (1858-1917), o crime é um fenômeno social normal. “Não existe sociedade sem atos criminosos. O que existe são modificações na forma da criminalidade, diferenciando-se de um período para outro. Sempre e em todas as partes, haverá ações qualificadas como crime, porquanto sempre existirão ações que irão ferir sentimentos coletivos”

Para Mikhail Bakhtin, o sistema simbólico de etiquetas sociais, por ser

impenetrável, ao definir grupos e classes, provoca vácuos, a inadequação e o fracionamento de personagens. Colocados todos ante crucial dilema: Ou o enquadramento aos padrões vigentes ou a ruptura e a disformidade ante o mundo (In “Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance”, S.Paulo, UNESP/HUCITEC, 1993).

O Banditismo em Minas - Final do séc. XIX e inícios do Séc XX

Nosso Estado, dada a sua grande extensão geográfica e múltiplos aspectos de colonização, sempre foi palco de manifestações de bandoleiros, em especial nas regiões Norte e Leste (fronteiras com Bahia e Espírito Santo). Alguns desses bandoleiros tornaram-se famosos, temidos, seguidamente combatidos pelas autoridades.

- Antonio Dó – Antonio Antunes de França, por apelido “Antonio Dó”, natural de Pilão Arcado (BA), célebre bandoleiro das barrancas do Rio São Francisco, assassinado em 1929.

- Indaleste - Andalécio Gonçalves Pereira, homem extremamente temido em todo o Norte de Minas e morto pela Polícia em 1930.

- Cel. Rotilio Manduca, celebrado por Guimarães Rosa em “Grandes Sertões: Veredas” como o personagem Zé Bebelo. Autor de mais de 200 mortes. Reconciliado com o Governo em 1928 por ajudar a combater a “Coluna Prestes”. Natural de Remanso (BA), assassinado a facadas em 1930, em um camarote do vapor “Wenceslau Bráz” por um tal “Mesquinheza”, a quem o Coronel Manduca anteriormente, mandara castrar.

Outro tenaz combatedor da “Coluna Prestes” e também temido em todo o sertão, foi o Cel. Horácio de Matos, natural de Lençóis (BA) onde tinha o seu feudo. Assassinado igualmente.

- Felão - Alferes Félix Rodrigues da Silva, o Felão, oficial da Polícia Militar de Minas Gerais (1920) é também citado por Guimarães Rosa em sua obra. Perseguidor implacável de Antonio Dó. Cometeu muitos e irreparáveis abusos contra a população. Em Junho de 1913, com seu pelotão, arrasou Vargem Bonita, então distrito de Januária. Faleceu, algum tempo depois, de febre maculosa em sua fazenda em Corinto (MG).

- Neco - Manoel Tavares de Sá, o famoso Neco, jagunço que, com seu bando, aterrorizou o Norte de Minas e sertões da Bahia entre 1870/1880.

Outro bandoleiro da época, mencionado pela história e oralidade, foi o Cel. João Duque, com “quartel” em Carinhanha (BA), famoso por chefiar um bando de jagunços e desordeiros, nas divisas entre Minas e Bahia.

Banditismo em Minas - Século XX - Outras considerações

Até o final do século XX, o banditismo fez-se presente, sobretudo rentente em nosso Estado, em especial no Vale do Mucuri, Rio Doce, estendendo-se até a região do Contestado, divisas com Espírito Santo. Fruto em parte do coronelismo, do mandonismo, do ranço familiarístico, da omissão do Poder Público, em que homens poderosos, financeira ou politicamente, no sentido de ostentação, intimidavam adversários e impunham respeito junto à população, utilizando-se de todos os meios disponíveis, incluindo grupos armados, a violência crua e nua.

Exibiam e impunham assim suas forças, onde “cabras”, “jagunços”, às dúzias e às grossas, se faziam presentes com seus bacarmates e peixelas, violentando, emasculando, matando, apossando-se ilegalmente de terras, invadindo fazendas e cidades. Grupos ultrapassados que se digladiavam pelo mandonismo municipal, onde decência, civilidade, lealdade, marcavam-se por dezenas de cruzes espalhadas por ermos caminhos, o solo ainda gotejado de sangue, em território e tempo tacitamente sem lei.

Um dos casos mais rumorosos de pistolagem foi o assassinato do médico e deputado estadual Nacip Raydan Coutinho, morto em 14/04/1962, na porta da garagem de sua residência em Santa Maria do Suaçuí, crime oriundo de divergências políticas locais e que foi desvendado pelo famoso Cel. Pedro Teixeira e sua equipe.

Dentre tantos grupos sanguinários que, por incrível que pareça, chegaram até os nossos dias, podemos mencionar:

- A família Nunes Leite, também de Santa Maria do Suaçuí, cujos membros José, Alirio, Antonio, Aldeci, Altair, Albino, Aldécio, Adalto, dentre tantos implantaram um reinado de terror em vasta região do Estado, sendo-lhes atribuídos, direta ou indiretamente, cerca de 250 assassinatos, muitos deles executados de forma bárbara. Além disso, são lhes atribuídos roubos de gado, usurpação de terras, crimes de pistolagem, sequestros, torturas, cárcere privado. Tinham o hábito de mandar surrar pessoas, por quaisquer motivos, inclusive empregados, mulheres, menores. Promoveram ainda chacinas de pessoas ou famílias de nosso Estado, em Rondônia e Maranhão, que, para lá, tinham fugido, na inútil tentativa de sobreviverem às ações criminosas e impunes da família Nunes Leite.

“Deles, ou morre-se de tiro ou de medo”, frase de um coveiro de Malacacheta sobre os Nunes Leite.

Os Nunes Leite somente foram desarticulados quando promoveram em 15/01/1990 a chacina de Malacacheta, onde assassinaram friamente 9 membros da família Cordeiro de Andrade, de quem eram inimigos. Crime que assombrou Minas e todo o País e de repercussão internacional, fazendo com que as indolentes autoridades agissem. Alguns membros da

família foram, desde então, mortos, outros presos, outros foragidos.

- Irmãos Curió – Alércio José dos Santos e Gil Evangelista dos Santos, de família de ricos comerciantes de São João Evangelista, que se tornaram famosos por criarem um clima de terror, violência e intimidações contra quem se opusesse aos seus interesses políticos e econômicos, deixaram um rastro de sangue por toda a região.

- Nenem Maria - célebre bandoleiro e pistoleiro de aluguel da região do Contestado, divisas conflitantes na altura da Serra dos Aimorés, entre os Estados de Minas Gerais e Espírito Santo, situação que perdurou até 1962, quando ocorreu a demarcação final das fronteiras. Iniciou sua vida de crimes aos 17 anos; famoso por sua altura descomunal, sua coragem que chegava às raias da loucura e principalmente por sua pontaria infalível. Mesmo sozinho, porém bem equipado, ágil no manuseio das armas, chegava a matar vários bandidos que o enfrentavam e de cujos embates saía invariavelmente ileso. Acolitado por fazendeiros, matava por encomenda, levando o terror a inúmeras cidades, principalmente Baixo Guandu, Paulista, Barra do São Francisco.

A região do Contestado tornou-se, durante décadas e décadas, uma terra de ninguém, um ninho de cobras onde se refugiavam dezenas de bandoleiros, homicidas e pistoleiros de aluguel. Realizavam seus “trabalhos” em outros locais e ali se refugiavam, aproveitando a imprecisão das fronteiras e a omissão, como de sempre, de muitas autoridades. “Nenem Maria” foi morto por um esquadrão da Polícia Militar Mineira, sob o comando do Cel. Pedro Teixeira, este o mais temido e terrível caçador de bandidos do Vale do Rio Doce.

- Dentre os bandidos urbanos, merece citação: Zé Muniz, marginal natural de São Tiago e que levou o terror a Belo Horizonte, na década de 1940. (ver matéria em nosso boletim nº XC – Março/2015).

Manifestações de malfeteiros em nossa região

“Bacharel” – a oralidade regional faz menção à expressão “coisa de bacharel” para indicar mal feito, complicações, artimanhas. Registra – e talvez haja aí uma sincronia – a passagem de milicianos pela região à época da Revolução Liberal (1842), tendo como comandante José Jorge da Silva, o Bacharel e que teriam cometido muitos abusos – roubos, violências físicas, sequestros, cooptação forçada de moradores para combate etc. Assunto controverso, fruto das animosidades, frivolidades, beligerâncias e atrocidades que marcaram este deplorável período de nossa história e com forte impacto, então, em nosso meio.

Jagunços “Dente de Ouro” e “Palha Roxa”, homiziados no Ouro Fino (divisas entre os atuais Municípios de Oliveira, São Tiago, Passa Tempo e Resende Costa) e com ações criminosas em várias localidades do Oeste mineiro. Arregimentavam moradores de nosso meio, aqui se escondiam, daqui partindo para a prática de crimes de cangaço por toda a região. Roubavam fazendas e até cidades. Tinham o hábito de raptar mulheres jovens, abusadas à exaustão pelos caminhos. Um de seus membros era Inocêncio, um negro de total confiança, aparentemente cordato, que trabalhava na Fazenda Córrego Fundo, de propriedade do sr. Geraldo de Sousa Resende. Descobriu-se, após o desbaratamento do bando pela Polícia volante, que era influente participante do grupo.

Outros Marcelino nos Queiróz, Macuco, Monte Pio (ver matéria “O espigão da Rosália”, boletim nº LXXIII – Out./2013).

Felisberto, desordeiro do início do séc. XX em São Tiago. Segundo informações do sr. Pedro Coelho (1917-2015), era pessoa temida e que dera muito trabalho às autoridades.

Celino no Capão das Flores, assassinado.

CAUSO

Fora jagunço, matador de aluguel por esses sertões do Mucuri, Rio Doce, divisas sem lei com Espírito Santo. Profissional do crime, vivia de “serviços” a mando de coronéis, de dar sumiço e despachar gente mais cedo para o outro lado. Uma penca de mortes a lhe pesar as costas. Temeiro de ser silenciado, “queimado” pelos próprios mandantes ou familiares das vítimas, certo dia, deu no pé. Juntou os trastes numa velha mala, revólver sempre carregado, escondido na guaiaca, enfiou-se, anônimo, enrustido peregrinar, pelo Noroeste mineiro e pedaços de Goiás. Trabalhava aqui e acolá, por fazendas de gado, carvoarias.

O cuidado de sempre andar “leve”, às apalpadelas, desconfiança a toda, chapéu enterrado na cabeça, o rosto tostado, sulcado, aquele frio sempre a lhe correr, descer pela espinha. Sabia ter a vida por um fio, seja de jagunços ou da polícia. Adquirira um cacoete, um peculiar hábito. Todo local onde chegava, parava, invariavelmente encostava-se nas paredes ou muros, de frente para as pessoas. Costas e ilhargas protegidas, as mãos à altura das magras cinturas.

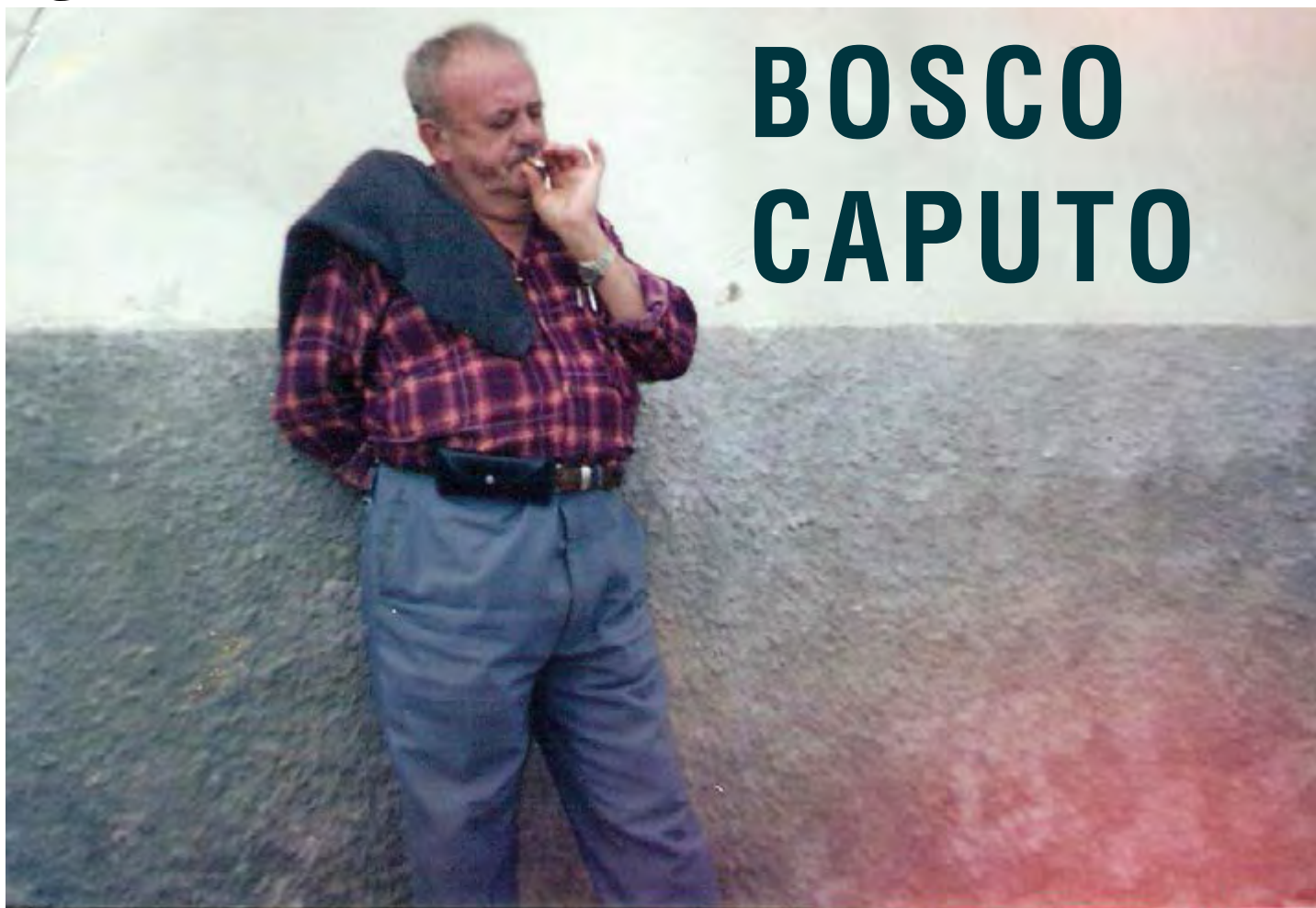
Alguém, observador, certa feita, pergunta-lhe:

- Medo de quê, amigo?!

O ex-jagunço - ou em férias, quem sabe – informa, enigmático:

- Eu cá com meus cuidados... Sou como frango caipira em dia de domingo, “vesprando” almoço. Casa cheia de visitas, pessoal com barriga vazia, trempe acesa no terreiro, tacho já com a água em ebulição...

BOSCO CAPUTO



Alguns jovens membros da família Caputo tornaram-se símbolos de uma geração que, no século passado, através do burlesco, do hilário, do pândego, provocavam a ruptura com o convencional, promoviam a quebra dos rígidos – e por vezes impudentes – princípios de então. Em contraposição ao moralismo, ao conservadorismo, ao ostracismo, à estagnação econômica e cultural, ao imobilismo social, utilizavam-se das armas da irreverência, do escárnio, da rebeldia, da folgança, do malabarismo físico e cênico e até de um certo humor negro.

A irreverência, a jocosidade eram a revelação formal de protesto, um não ao marasmo, à injustiça, à (des)razão, à decadência, delírios de D. Quixote, gritos de revolta engasgados, entalados na garganta de tantas gerações, saídos das entranhas, ruínas de antigas minas, interiorana, intragável sina.

Como “Lucas Procópio”, personagem e título de obra de Autran Dourado (Ed. Record), que se desloca em andanças, desrazões, desilusões “quando a Província de Minas Gerais conheceu a sua longa noite de agonia, a densa hibernação de que tentava acordar” (ob.cit.pág.14).

Não se tinha praticamente como sobreviver, à época, em comunidade de nosso porte, especialmente o jovem. Nenhuma indústria, nenhuma iniciativa cultural, econômica, afloramento de ideias e lideranças que impulsionassem o progresso local e desse alento às aspirações da coletividade. John Mawe, viajante inglês, embora preconceituoso para com a índole de nosso povo, já tinha observado, um século antes, ao escrever sobre Tejuco (Diamantina): “Existe nesta cidade uma classe numerosa de indivíduos de sete a vinte anos de idade, que não dispõem de um meio visível de ganhar a subsistência e que não seriam mais laboriosos se aí se fundassem manufaturas...” (“Viagens pelo interior do Brasil” – 1808-1809, Ed. Itatiaia/Ed.

USP, 1978, pág.173)

Bosco Caputo⁽¹⁾ foi um dos representantes dessa geração e uma das figuras mais marcantes da história e da memória de nossa terra. Célebre jogador de futebol e de vôlei nos tempos em que São Tiago contava com agremiações famosas e respeitadas nessas modalidades. Coadjuvante em peças de teatro e espetáculos circenses. Exerceu, ao longo da vida, inúmeras atividades: comerciante, produtor rural, pequeno industrial (limpadora e beneficiadora de arroz), vendedor de máquinas agrícolas.

Participava ativamente da vida e cultivo social, contando com



Bosco Caputo quando jovem



Bosco Caputo em suas acrobacias

refinado bom gosto em termos de moda e etiqueta. Galante, bem apessoado, de hábitos refinados, cavalheirescos, apreciava ternos estilizados e requintados, de que possuía inúmeros, combinando-os com camisas e gravatas esmeradas, às quais elaborava exímios nós.

Extrovertido, gostava de exercitar seu lado humorístico e chocarreiro, sendo personagem de muitas histórias e “causos” cômicos, de amplo conhecimento público e que nos permitimos narrar alguns.

I. SAQUINHOS PARA ENJOO

Os ônibus de então, melhor conhecidos como jardineiras, eram os meios de transporte coletivo intermunicipal, realizando, no nosso caso, viagens entre São Tiago, São João del-Rei, Divinópolis, Bom Sucesso e outras localidades. Percursos de horas e horas, em total desconforto. Uma viagem de São Tiago a São João del Rei levava-se até 3 horas. E havia os riscos de alguma pane nos veículos, mata-burros quebrados, atoleiros, o que aumentava em muito o tempo da jornada. Muitos iam preparados, levando água potável, alimentos, para situações de emergência, principalmente quem viajava com crianças ou enfermos.

Era disponibilizado aos passageiros um envelope ou invólucro, geralmente de papel pardo, como receptáculo e “salvação” em casos de enjoos. O pessoal dizia, por gracejo ou não, que os saquinhos eram cortesia das empresas “Tamandaré” e “Irabussu”, pois traziam estampados a logomarca e propaganda das mesmas, ambas torrefadoras de café de S. João del Rei. Estradas de terra esburacadas, cheias de curvas, a cujos solavancos, poeira, cheiro de gasolina altamente poluente, muitas pessoas não resistiam. Era vômito na certa e lá estava o saquitel salvador.

Bosco viu aí uma oportunidade para exercitar e promover mais uma de suas criativas traquinagens. Tendo que viajar a São João del Rei, preparou, em casa, apetitosos salgados e pitéus – coxinhas, empadas, empanados de frango e sarapatel, de que gostava muito – aconchegando-os em dois ou três invólucros, a título de farnel e matula para a viagem. Dali dirigiu-se até o ponto de ônibus, na Praça da Matriz.

Durante o trajeto, veículo atulhado de gente e bagagens, Bosco encenou, com todo o alarde possível, estar com náusea, simulando regurgitar nos saquinhos de papel. Passou, a seguir, para repugnância e indignação dos passageiros, - que lhe desconheciam as artimanhas - a se utilizar do conteúdo, boca afiada e enfiada no saquinho, com o máximo de apetite e sofreguidão (na verdade, saborosos e aprazíveis salgados), oferecendo aos demais companheiros de viagem, enquanto exclamava, lambendo os beiços:

- Hum, que delícia!... Que manjar!... Vocês não sabem o que estão perdendo...

E aí foi que todo o ônibus – passageiros em rictus de repugnância, lançaram-se às janelas - passando a usar, de verdade, e histericamente, os saquinhos....

(1) Sobre o sr. João Bosco Caputo, ver matéria em nosso boletim, ed. Nº III – Dez./2007



Bosco Caputo ao centro



Bosco Caputo e Guido Dirceu Reis – Belo Horizonte, 1955

II - “O FANTASMA”

A procissão, uma encomendação de almas, secular tradição folclórico-religiosa de nosso meio, naquela escura 6ª feira de abril, quaresma cheia, em torno da meia noite, composta de penitentes e farricocos, se aproximava da porta do cemitério. Passara já por vários pontos da cidade, pés de cruzeiros, igrejas e passinhos. Ao longo das ruas, enquanto se movia o préstito, as janelas das residências hermeticamente fechadas, luzes apagadas, pois havia a velha crendice de que nenhum profano, um não participante daquele sigiloso, misterioso grupo, poderia assistir sua passagem. Caso olhasse, as janelas e vidraças das casas bisbilhoteiras seriam atingidas por saraivadas de pedras lançadas por mãos invisíveis ou o curioso veria, então e tão somente, um rebanho de ovelhas conduzidas por frades sem cabeças; e se o intruso colocasse a cara de fora do parapeito, corria o risco de encontrar, ao amanhecer, uma estátua ou carranca de cera ou uma caveira na janela de sua casa.

Alguns homens, com cógulas brancas, conduzindo a cruz, à frente, em soturno, sinistro desfile. O som lúgubre de matracas e sacarraias⁽²⁾. Várias mulheres, portando mortalhas ou tiaras de branco na cabeça, entoavam jaculatórias, rogatórias, ladainhas, orações aos santos e almas; desfiavam-se as contas dos rosários; recomendadores, em polifonia, a três, quatro, cinco vozes, oravam e cantavam em sufrágio das almas do purgatório.

As lamentações, num lancinante crescendo, causando temor à vizinhança. O préstito se posta à entrada do cemitério, para o momento maior, o clímax da peregrinação. As almas são solenemente invocadas. Fazem-se silêncios e interstícios a cada canto, a cada estrofe. Concentração. Fervor. Temor.

- Acordai, irmãos das almas,

Acordai, vamos todos rezar...

Súbito, para pavor e estupefação dos penitentes, rangidos, gemidos fundos, vindos de dentro do cemitério. Uma silhueta humana, cadavérica, com voz soturna, cavernosa, projeta-se de dentro dos túmulos próximos à entrada, justamente onde se posicionavam os encomendadores – uma figura toda de branco, traços à forma de esqueleto, feições cobertas, alteando-se sobre as sepulturas, enquanto exclama:

- Me chamaram?! Me invocaram?!... Aqui estou...

Debandada geral. Pernas prá que te quero. Cógulas, matracas, livros de orações, até calçados espalhados pelo chão. Gargantas engasgadas, engastadas pelo inesperado do fantasma. Algumas inopinadamente com roupas molhadas, escorrendo pernas abaixo... Más línguas afirmaram que, no corre corre, no tropel, até peças íntimas se soltaram, observadas ao amanhecer, pelo leito da rua... E dessa forma, encerrou-se a encomendação.

Dia seguinte, a revelação, um quê de indignação entre os penitentes. A alma “ressuscitada” e que a todos e a tantos assustara, motivo de motejos pela cidade, era Bosco Caputo. Sabendo da procissão, zombeteiro, chocarreiro, preparara durante o dia um enorme lençol branco com desenhos de um esqueleto, adentrando o cemitério, pelos fundos, momentos antes da chegada dos encomendadores de almas. E dali pregara uma boa peça nos penitentes...

(2) Sacarraia – instrumento constituído por roda de madeira dentada sobre a qual passa-se uma lâmina.

NOTA – Sobre “Encomendação de almas” ver matéria em nosso boletim nº XIX – Abril/2009.

O ARADO

O arado é, sem dúvida, um dos mais eficientes e indispensáveis instrumentos agrícolas, seja movido por força animal ou mecânica. Inventado há mais de cinco mil anos e ainda hoje, em plena era de sofisticados maquinários, representa importante papel na agricultura moderna. Tem o objetivo de lavrar a terra, removendo, de um lado, a camada superior do solo, enriquecendo-a de substâncias orgânicas, sais minerais e de outro lado, revolvendo e trazendo a parte inferior, lixívia para a superfície, expondo-as à ação da atmosfera.

Sua invenção, segundo historiadores e arqueólogos, deve-se aos chineses, tanto que era empregado largamente no reinado de Ching Noun, no período Longshan, cerca de 3.200 a.c., época em que o búfalo fora já domesticado e o arado utilizado na agricultura. Nas antigas civilizações, como a etrusca e a egípcia, embora ainda fosse tosco, era instrumento fundamental de suas lavouras. Os egípcios teriam-no aperfeiçoado, desenvolvendo extremidades de madeira mais resistentes, tipo “focinho de javali”, conseguindo, dessa forma, maior profundidade na área e solo preparados para a lavoura. Romanos e gregos conseguiram construir arados formados por dois pedaços de madeira em ângulo agudo, forrados de ferro e por mais dois passadores (as relhas atuais), colocados obliquamente, que permitiam sulcar e revolver extensivamente a terra. Mais tarde apareceria um arado em forma de cunha com a relha de ferro e um regulador de profundidade.

Os arados primitivos tinham características e mesmo defeitos comuns: apenas removiam, de forma mesurada a terra, jogando-a para um só lado; as relhas eram diretamente ligadas ao apo ou timão, aspectos que foram evoluindo significativamente ao longo dos tempos. Os arados de aiveca, descendentes dos arados primitivos, são usados em terrenos previamente limpos. Há vários tipos desses arados, sendo que os utilizados com tração animal, comuns ainda hoje em alguns pontos do Brasil, em especial em regiões economicamente mais pobres ou de topografia acidentada, são puxados por bois, cavalos, burros ou mulas. Tais modelos, trazidos pelos colonizadores portugueses, foram utilizados ao longo do Brasil colonial e imperial. Os primeiros arados inteiriços construídos com ferro e aço surgiram nos Estados Unidos no início do século XIX. Já em 1870 chegavam ao Brasil, trazidos por

agricultores americanos com fazendas em São Paulo. O arado à tração animal, já no final do século XIX, foi substituído por tratores, inicialmente os arados com motor a vapor e depois com motor a combustão e a que foram acoplados/adaptados outros itens como discos cortantes, reversíveis, grades rotativas, semeadoras, atuando em todas as áreas, inclusive encostas. Os arados mecânicos são de vários modelos: reversíveis sobre sapatas ou corpos simétricos; arados duplos ou múltiplos que permitem a ampla remoção de leiras; arados basculantes, de aivecas superpostas, arados sulcadores, boleias etc.

Suas utilidades, enfim, são inúmeras e indispensáveis: preparação do solo para o cultivo; aumento da fertilidade e da capacidade de retenção de água pelo solo; melhor aeração ambiental; rápida adubação da terra.

PEÇAS DO ARADO OU CHARRUA

Apo ou timão – haste de madeira ou viga intermediária que prende e leva a força da tração até a aiveca e relha, que são as peças principais do arado

Aiveca – peça que sustenta a relha do arado. Tem a função de retirar a terra levantada pela relha, removendo e invertendo a leira

Aravela – peça onde se apoia a mão de quem dirige o arado

Camba – peça curva a qual se prende o dente do arado

Cantoneira – peça de proteção à aiveca e a relha

Chavelha – timão do arado

Coluna – parte que liga o timão à aiveca

Enterrador de mato – peça encarregada de enterrar/submergir o mato quando este está grande

Esteva – rabiça do arado

Punhos – lugar onde o lavrador/manobrista segura o arado puxado pelo animal, fixando a sua direção

Rabiças – braços ou o guidão do arado: barras de ferro que ligam os punhos à aiveca

Regulador de profundidade – peça que regula a profundidade do solo a ser lavrado

Relha – parte do arado que penetra a terra

Saibro – areia grossa; piso arenoso de circos, arenas de rodeios etc.

Sapata – peça ligada à aiveca, com a função de equilibrar o arado

Sega – ferro ou pequeno facão que se adapta/acopla ao timão do arado, adiante da relha, geralmente em terrenos de vegetação compacta, a fim de facilitar a aração, corte de raízes etc.

Teiró – peça que corta a terra (que tem mão no dente ou bacia do arado)

Verga – sulco produzido pelo arado no amanho da terra

De todas as peças do arado, três são consideradas ativas: relha, aiveca e facão (sega); outras de sustentação como o timão, coluna, sapata, rabiças, cantoneira; outras de regulagem como o regulador de profundidade e de largura e ainda as peças tidas acessórias como o enterrador de mato.



MAIS AÇÃO, MENOS CHORO

Uma das muitas pragas ou estereótipos que infestam nosso País – dentre tantos herdados de nossa colonização – acha-se a do sebastianismo ou messianismo⁽¹⁾. Algo entranhado em nós. O esperar milagres. Que as coisas, inclusive o desenvolvimento da comunidade, da região ou mesmo do País, venham de fora. Num passe de mágica, os problemas sejam solucionados. Que o governo, a igreja, uma empresa de grande porte, um guru, algum esperalhão resolvam nossas agruras, nossas carências. Que o Senhor continue a nos distribuir o maná, a cada manhã. Bons e sábios administradores, quem pudera...

Outro sério entrave é a psicose de muitos quanto a “direitos”. A nível do Poder Público, já conhecemos os abusos, os “direitos” – muitos deles imorais, asquerosos – auferidos pelos que estão e se eternizam no poleiro, que geram injustiça e o descrédito das autoridades e instituições. Querem ser servidos, do bom e do melhor, ainda que à custa da miséria coletiva. A nível privado, muitos igualmente pleiteiam “direitos”, não se dando ao pudor de cumprir seus “deveres”, por mínimos que sejam.

O termo “sebastianismo”, que tanto marca nossa cultura e comportamento, provém do trágico desaparecimento (morte), em 1580, do jovem rei português D. Sebastião na batalha de Alcacer-Quibir, no atual Marrocos, norte da África, contra os inimigos muçulmanos. Como não deixara herdeiros, o trono português passou à archi-inimiga Espanha. Não tendo sido encontrado seu corpo, numa trágica batalha em que morreram mais de 15.000 soldados portugueses, criou-se o mito de que, redivivo, D. Sebastião retornaria, triunfante, apoteótico, à frente de esquadras e exércitos, restabelecendo a coroa portuguesa.

É preciso ter vontade, garra, pesquisa, planejamento, união de propósitos, lideranças idôneas, detentoras de credibilidade, quando se fala em desenvolvimento, em progresso. Ora, todas as comunidades bem sucedidas foram/são aquelas que instituíram seus próprios projetos de desenvolvimento, de autossustentabilidade econômico-social.

Lideranças políticas, religiosas, empresariais, educacionais, sociais, mesmo informais se integrando, como atores do progresso local, buscando, juntas, soluções para a estabilidade e elasticidade social, econômica, cultural, ambiental de sua comunidade. Com projetos realistas, posturas transparentes, democráticas, espíritos desarmados. Desenvolvimento necessita de ingrediente local, calcado nas necessidades, tradições, sonhos, visões, na memória, nas instituições ou iniciativas já constituídas, com sua luta, saga, na experiência econômica e histórica de todos e assim transformados em realidade, em ação.

Um “chega prá lá”, uma declaração de guerra, enfim, à inépcia, à mediocridade, à pasmaceira, à insolência, navio à deriva para tantos e quantos administradores, lideranças, mesmo porque choradeira, pires na mão, esperar a chuva, criticar adversários, responsabilizar terceiros e antecessores, ver inimigos imaginários, em nada resolvem os problemas. As soluções, tal qual a sabedoria bíblica, estão à soleira de nossa porta, saltam aos nos-

sos olhos. Questão de olhos para ver, ouvidos para ver.

Bons administradores tem planejamento, programa de gestão, arrojo, trabalham com transparência, são democratas, humanistas, tolerantes, mobilizam a comunidade. Pensamos: como partidos e candidatos postulam o voto da população sem propostas administrativas, sem planos de gestão?! Como os eleitores toleram isto?! Temos sólidas e vitoriosas experiências, inclusive em nossa região, como cooperativas, associações, empresas, instituições técnicas, e que devem nos servir de exemplo em nossos projetos de crescimento. Dispomos de sólidas tradições nas áreas do artesanato, agroindústria, culinária, mesmo o folclore e que podem se tornar (alguns já o são) vitoriosos arranjos produtivos ou clusters. “Faça a tua parte que Deus te ajuda”, já nos diz o sábio ditado popular.

(1) Outros males de nossa cultura são o patrimonialismo (achar que o que é público é também privado), o nepotismo, o clientelismo, populismo, empreguismo às custas do contribuinte, o nobiliarquismo estatal (autoridades e funcionários públicos que se acham e agem acima da lei, maltratam contribuintes, vivem como nobres etc.), impunidade, o fiscalismo-tributarismo sempre a espoliarem o povo. Enfim, os exércitos de saúvas e mais saúvas que carcomem, há séculos, o povo brasileiro...Monteiro Lobato escrevera: “Ou o Brasil acaba com a saúva ou a saúva acaba com o Brasil”

No romance-rapsódia “Macunaíma, o herói sem caráter” (1929) de Mário de Andrade, há uma conceituação chave: “Muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são”. No enredo do filme do mesmo nome (1969), dirigido pelo cineasta Joaquim Pedro de Andrade, as pragas do Brasil são ampliadas: “bicho de café, lagarta rosada, futebol, mosquito pium, maruim, muriçoca, borrachudo, vareja e toda essa mosquitada. E tem também muita vaca brava, que tem por aí, porque vaca mansa dá leite. A vaca brava dá se quiser...E mais tudo que tem de doenças, como erisipela, sarampão, espinhela caída, constipação, maleita, dor de barriga, de dente, frieira, inchaço, amarelão. E um gigante de muito mau caráter, Venceslau Pietro Pietra, que roubou meu muiriquitã...” (lembrando que estávamos em pleno regime militar, sob a drástica vigência do AI-5)

Stanislau Ponte Preta apontara, em seu “festival de besteiras que assolam o País”: art. 1º - Todo brasileiro passa a ter vergonha na cara – Parágrafo único: Revogam-se as disposições em contrário” E mais realista (ou pessimista) possível: “Restaure-se a moralidade ou nos locupletemos todos”



MÃE NATUREZA

A Natureza – expressão sublimada da Sapiência Divina - nos fornece toda a infraestrutura necessária, essencial à vida, ao estabelecimento/estabilidade da sociedade, seja ela urbana ou rural, consolidando-se assim o processo civilizatório de nosso planeta. Trabalha ela sábia, silenciosamente, através de metuculosos instrumentos, quase sempre imperceptíveis aos nossos sentidos. Uma sinfonia primorosa, apoteótica, de glorificação à Divindade e que, por quantas e quantas vezes, nós a desarmonizamos e dela nos divorciamos. As estações que se sucedem em magníficos e indescritíveis quadros, os fluxos hidrológicos que se regulam, concedendo-nos o sagrado dom da água; o solo que se forma e se recompõe; o ar que se purifica vitalizador, fundamental à respiração dos seres; a germinação das sementes; a polinização das plantas; a matéria prima, seja de origem mineral, vegetal ou animal, fornecida às indústrias, para a fabricação de remédios, móveis, roupas, utensílios e equipamentos de toda ordem. Afinal, tudo o que usufruímos provém da matriz Terra...

A cobertura vegetal – matas e biomas nativos – são, por sua vez, básicos à sobrevivência das espécies animais, permitindo a filtragem e a purificação da água, a oferta de matéria orgânica derivada de folhas, galhos, frutos que caem, se decompõem e se transformam em nutrientes para o solo, o alimento e o abrigo indispensáveis à nossa subsistência. As raízes das plantas impedem as erosões, aumentam a resistência e a resiliência do ecossistema, reduzindo-se o impacto de eventuais catástrofes como erosões, desmoronamentos, assoreamentos, enchentes, secas. Solo fértil, cobertura vegetal, fontes de água são, por conseguinte, patrimônios valiosíssimos, indispensáveis para a produção agrícola, a própria sobrevivência animal e extensivamente da humanidade. Atitudes predatórias e agressivas contra o solo, como as das queimadas, extrativismo bruto, desmatamentos, minerações clandestinas e ainda perpetradas por muitos bárbaros, escondidos sob o rótulo de empresários, devem ser combatidas, denunciadas e punidas, pois provocam transtornos, danos, às vezes, irreversíveis à natureza.

Não é a natureza, por conseguinte, uma conta bancária com fundos inesgotáveis, da qual somente se saca insaciavelmente, qual um cheque em branco a nós concedido pela Providência Divina. Temos, ao longo da civilização, feito tão somente retiradas - e de forma impiedosa, indevida - e é chegado o momento de encher de novo seus depósitos. Indispensável, inadiável a conscientização do proprietário rural, do cidadão comum, do industrial, autoridades, de toda a sociedade quanto à preservação e provisão dos serviços ambientais, sob pena de exaustão de recursos, os espectros da poluição avassaladora, os desvarios climáticos, a inviabilidade da existência no maravilhoso planeta azul.

Alguns municípios, por força de compartilhamento e ação conjunta de Prefeituras, ONGs, Ministério Público (Promotora de Meio Ambiente), Companhias Estatais de Saneamento, Agência Nacional de Águas, vem desenvolvendo projetos de recuperação de mananciais de bacias hidrográficas, mediante o reconhecimento/remuneração aos proprietários que protegem e conservam nascentes e seus entornos. É o chamado PSA-Paga-

mento por Serviços Ambientais, valiosa iniciativa que reforça as políticas públicas e econômicas de preservação e autossustentabilidade dos biomas, em especial dos mananciais que abastecem os centros urbanos e são base de toda a cadeia hidrográfica do País. Uma forma, ademais, de valorizar o proprietário rural, em sua sublime condição e missão de guardião de água, melhorando-lhe a qualidade de vida e de seu imóvel, principalmente pela implantação de práticas conservacionistas, do bom manejo da propriedade, com a manutenção de áreas de vegetação nativa como APP-área de preservação permanente, reserva legal, estradas vicinais conservadas etc.

O proprietário, além de exercer suas atividades agropecuárias habituais de viés produtivo-econômico, torna-se um guardião da biodiversidade e um produtor de águas. Cidades mineiras como Brumadinho, na região metropolitana de Belo Horizonte, já desenvolvem iniciativas como a do PSA, provindo os recursos (para remuneração aos proprietários rurais) de fontes diversas: Prefeituras, Fundações (ex. Boticário, Credit Suisse), ICMS ecológico repassado pelo Estado, multas aplicadas pelo Ministério Público por infrações ambientais, repasses de companhias estatais de saneamento, etc. A cidade de Extrema, também em nosso Estado, é contemplada com projetos da mesma natureza, com apoio da SABESP-Companhia de Saneamento e Esgotos de São Paulo.

Entendemos que os municípios de nossa região devem se preocupar e se envolver profundamente com processos dessa ordem, mobilizando-se através da Associação de Municípios da Região Vertentes-AMVER, pois, afinal, somos territórios produtores de águas que abastecem grandes cidades, usinas hidrelétricas e nada recebemos, em especial os srs. proprietários rurais, pelo trabalho de manutenção das nascentes. As poderosas empresas estatais que exploram os serviços de águas – com lucros exorbitantes em seus balanços anuais - seja para produção de energia ou para abastecimento de água urbano, deveriam forçosamente pagar royalties pela utilização do produto, que sai das nossas vertentes, veredas, nascentes espalhadas pelo nosso descuidado território, até o momento, a custo zero. Seria uma fonte de receita para os municípios da região, onde nascem aquíferos que abastecem as bacias dos Rio Grande, Rio São Francisco, Rio Doce, etc. e uma forma de recompensar o homem e o meio donde provem tão valioso bem e quão insubstituível riqueza: a água.

Que nossas autoridades municipais e lideranças regionais assumam a defesa desta bandeira, levando o assunto aos políticos aqui regiadamente votados, aos governantes, à discussão da opinião pública, à mídia, colocando-se os interesses comuns e da Nação acima dos interesses de estatais que utilizam-se gratuitamente de bens coletivos, cobrando caro pelos serviços prestados, numa estranha abstração do direito e da cidadania.

“Aqueles que tem grande autocontrole ou que estão totalmente absortos no trabalho, falam pouco. Palavra e ação juntas não andam. Repare a natureza: trabalha continuamente, mas em silêncio” (Mahatma Gandhi)





Árvores & Arborização Pública

Insistimos – e insistiremos o quanto nos for possível – sobre o deplorável quadro de abate de árvores em vias urbanas e a precária, quase inexistente, arborização da cidade. Problema que envolve desafios, atitudes, de dois lados: a) de parte da população, que de forma por vezes emotiva, impensada, pleiteia o corte de árvores em frente ou próximas as suas residências, impondo seus caprichos às autoridades, empobrecendo a qualidade de vida de todos os moradores; b) da Prefeitura, que necessita ter planejamento, coragem para convencer, sensibilizar os moradores para a importância das árvores e daí desenvolver projetos de arborização intensiva. Assunto não só de interesse público, mas de sobrevivência planetária, em que cada um deve fazer a sua parte, dar sua quota de responsabilidade social e ambiental.

A Prefeitura tem que assumir sua função e competência legal-ambiental, tomando iniciativas, não só de restringir o abate de árvores, muitas vezes sob pressão de moradores ou até com a interferência de “estranhos”, mas igualmen-

te de planejar, proceder o levantamento das áreas a serem arborizadas; implantar, a partir daí, mediante entendimento/envolvimento de moradores, empreiteiros, loteadores, projetos de arborização dos logradouros públicos, escolhendo-se espécies corretas a serem plantadas. Iniciar um consistente trabalho de educação ambiental junto às escolas, em particular da rede municipal, extensivo às demais instituições com atuação educacional e social.

Há hoje toda uma ciência florestal, dotada de largos avanços científicos e técnicos, que promove a seleção/escolha de espécies apropriadas, adequadas às condições locais, endoclimáticas e espaciais. Para ruas estreitas, obviamente não se pode plantar sibipirunas, flamboiãs, figueiras, certos tipos de acácias. Muitas prefeituras têm plantado murtas, mesmo árvores frutíferas híbridas, de menor porte, cuja beleza estética, perfume peculiar, frutos, sistema radicular menos agressivo às calçadas permitem correta sustentação da parte aérea, sem atingir rede elétricas ou ameaçar telhados vizinhos.

A Chegada dos Espanhóis - Uma versão

A tradição local reza, unanimemente, que o núcleo urbano de São Tiago surgiu a partir da presença de mineradores espanhóis que aqui se instalaram por volta de 1708, à busca de ouro. Bem sucedidos, após encontrarem veios promissores no lugar “Vargem Alegre”, cumprindo promessa, ergueram uma tosca capela em honra a São Tiago Maior, padroeiro de seu torrão natal (Espanha). Apesar do ceticismo de alguns, impossível que tal tradição seja verdadeira, pois ela subsiste cristalinamente, intacta há mais de 300 anos. Ouve-se, destarte, referências orais à chegada dos aventureiros a estas nossas dimensões e paragens, em inícios do século XVIII. Eis uma das versões ouvidas, em uma roda:

A pequena caravana, tendo à frente três homens brancos e quatro bestas cabresteadas, com apetrechos pessoais e de faiscação, após ultrapassarem o Rio das Mortes, chegaram a bravias paragens, margens do Rio do Peixe. Dirigiam-se os desconhecidos a montante. Época de torrenciais chuvas, comuns aos verões tropicais daqueles tempos. Enchentes caudalosas. Ao buscar um local de passagem, um vau, tão logo espicaçadas as alimárias para adentrarem o leito do rio, súbita avalanche d’água, correnteza violenta, empurrou celeremente os animais para o meio do caudal, não tendo os homens como acompanhá-los. Ser-lhes-ia fatal. Não tiveram outra solução, senão observar o esforço inaudito das bes-

tas que, a essa altura, tinham sido empurradas, leito abaixo, por mais de quilômetro. E rezar, implorando ali o Amparo Divino, pois se perdessem os animais e a carga, ficariam ali sem víveres, ferramentas, armas...

Espanhóis de origem, invocaram, veementes, as bênçãos de São Tiago, o santo padroeiro, cavaleiro-guerreiro de sua terra natal, lembrando-se eles que traziam consigo uma pequena e venerada imagem do santo. Um deles, mais expedito, portador da imagem em uma pequena redoma de madeira (a que se dava o nome de mucuta), se adiantara, beirando a margem, buscando visualizar os animais. Os dois retardatários, após maiores esforços, lobrigaram à distância o companheiro que seguira adiante, e que, em certo trecho, se pusera de joelhos, a imagem contrita ao peito e todos os animais, do outro lado da margem, salvos, pastando, carga praticamente intacta...

Aguardaram o repouso das águas e após atravessarem, ainda assim, a custo a correnteza, reuniram a pequena tropa. Quase nada se perdera na traumática travessia. Prometeram, então, ante a graça de se salvarem ilesos, inclusive animais e carga, erguer uma ermida em honra a São Tiago, assim que encontrassem um local aprazível e no altiplano, o que foi feito onde se hoje se acha a praça principal.

Humor

NO CONSULTÓRIO

Paciente do meio rural, onde labutava há décadas numa velha chácara, são Quinquim, por insistência de familiares que o consideravam desanimado ultimamente, quem sabe uma anemia, uma verminose, vê-se forçado a uma consulta médica na cidade. E dessa forma, levado quase que na marra até o consultório. Ei-lo diante do médico.

- O que o sr. tem, são Quinquim?
- Uma égua velha, uma enxada, uns dez litros de terra...
- O sr. não está entendendo, são Quinquim... Já estou achando que o seu problema é o ouvido... Eu quero saber é o que o sr. está sentindo...
- Ah, doutor. Sinto é não ter uns cinquenta mil reais na "gibeira" para poder comprar mais uns litros de terra que o vizinho tá vendendo...



CARTEIRA DE MOTORISTA

São Henrique é um velho e rico fazendeiro de hábitos pitorescos, prosa boa, conhecido de todos por esse vasto Oeste mineiro. E fama de péssimo motorista. Ei-lo em seu Cherokee vistoso, carro do ano, parado em uma blitz da Polícia Rodoviária. Por coincidência, muito conhecido do laborioso policial ali em serviço.

- Documentos do carro e a carteira, por favor, solicita o guarda.
- O que o moço pediu mesmo?
- A carteira de motorista, são Henrique.
- Ah, ocê tá falando daquela que eu comprei no Paraguai, a peso de ouro e que guardo embrulhadinha aqui no cofre do carro?! De jeito nenhum, ocê tá loco, moço... É uma relíquia...

Vendo que São Henrique se fazia de desentendido ou de ingênuo, decide liberá-lo. – Pode ir, são Henrique. Mas não fique por aí espalhando a origem de sua carteira...

Vendo que o motorista não se movimentava, o guarda adverte-o para dar a partida no veículo, liberando o local para novas abordagens.

- Não posso, são guarda... Vamos que eu arranque prá trás e acerte "vancê"...

(Causos que nos foram contados pelo Dr. José Maria Henriques, advogado e nosso amigo em Divinópolis)

O CARNEIRO SUMIDO

São Juca achava-se agoniado com o sumiço do carneiro. Desaparecera inexplicavelmente, bem no fundo da horta, na passagem



do córrego, onde construíra um açude e que lhe fornecia água para o abastecimento da casa. Um prejuízo danado, pois que lhe custara um bom dinheiro

Decide consultar um pai de santo ali da região, de nome Pai Chico. O homem tido como milagreiro, vidente dos bons, sabia lá mexer seus pauzinhos, é o que se ouvia dizer. Atendia numa tenda cheia de estatuetas, incensários, conchas, cachimbos às tantas, que se espalhavam por todo o extravagante recinto. Trajava-se de forma excêntrica, africanada, uma roupa rodada, um enorme turbante branco.

- Quanto é a sua consulta, Pai Chico?
- Sessenta reais
- Tá aqui os "cobres" – repassando as cédulas ao sensitivo
- Qual é o seu problema?
- É que me sumiu um carneiro, há uns dois dias. Quero saber o paradeiro dele, me "desacismar", pois por causa disso, estou "intê" sem tomar banho...

O homem concentra-se, olhos semicerrados, enquanto tira longas baforadas do cachimbo – parece farejar o espaço, sondar o tempo... Alguns minutos após, torna a si, percorre os olhos por todo o ambiente, informa a São Juca, ali na total expectativa:

- Seu carneiro está bem vivo, pastando no terreno do vizinho... Pode vê-lo todo saudável, vistoso bem na ladeira...

Atônito, são Juca informa:

- Mas o carneiro meu que tá sumido é o hidráulico que mandava água para a casa, instalado no córrego bem no fundo do quintal e que me foi roubado...

O HOMEM DAS FRUTAS

Proprietário de um bem cuidado sítio nas adjacências da cidade, próximo ao posto rodoviário, por onde transitava sempre. Trabalhava com a família e algum ajudante eventual. Um hortifruticultor conceituado, bem sucedido, admirado pelos que o conheciam.

Passava por ali, uma ou duas vezes ao dia, dirigindo sua camionete... estufada de frutas, verduras, ovos, cena que encantava a todos, policiais e viajantes. Parava sempre, cumprimentando, de forma sorridente, expansivo a todos os guardas, ali deixando um presentinho: uma caixa de frutas ou de legumes, pentes de ovos, até mesmo queijos e lácteos. – Que sujeito legal esse são Ícaro, era o parecer geral.

Os guardas já sabiam. Apontava lá a camionete de São Ícaro e era sinal de fartura, garantia de mesa farta, grátis – produtos vindos do campo, sadios, brilhantes, apetecíveis.

Um belo dia, São Ícaro não parou na barreira. Estranheza. Surpresa. Apenas diminuiu a marcha, enquanto saudava, sempre risinho, os policiais.

- O senhor hoje não vai parar? Algum problema, são Ícaro? Inquire, em voz alta, um dos policiais mais próximos.
- Não preciso parar mais, não. Agora, tenho carteira!